



# O OLHO QUE OBSERVA: DEZ VERSÕES DA MESMA CENA\*

■ DONALD W. MEINIG

## **RESUMO:**

HÁ AQUELES QUE OBSERVAM A CENA VARIADA E CONSIDERAM A PAISAGEM COMO *NATUREZA*; A PAISAGEM COMO *HABITAT*; A PAISAGEM COMO *ARTEFATO*; A PAISAGEM COMO *SISTEMA*; A PAISAGEM COMO *PROBLEMA*; A PAISAGEM COMO *RIQUEZA*; A PAISAGEM COMO *IDEOLOGIA*; A PAISAGEM COMO *HISTÓRIA*; A PAISAGEM COMO *LUGAR* E A PAISAGEM COMO *ESTÉTICA*.

**PALAVRAS-CHAVE:** PAISAGEM E LUGAR, PAISAGEM E HISTÓRIA, PAISAGEM E NATUREZA, PAISAGEM E IDEOLOGIA.

"Paisagem" evoca, de imediato, uma velha e prazenteira palavra da língua vernácula, e também um termo técnico que se refere a profissões específicas.<sup>1</sup> Desde quando os americanos se conscientizaram e se inteiraram de seus arredores – de seu ambiente –, o termo passou a surgir com mais freqüência em ambos os vocabulários, o que pode tornar útil considerações, mesmo que ocasionais, sobre a inevitável dificuldade que surge logo que tentamos nos comunicar além dos círculos profissionais mais reduzidos.

Um exercício simples poderá desvendar, rapidamente, o problema. Tomemos um pequeno, mas variado, grupo de pessoas, com o intuito de olharmos uma porção determinada da cidade ou do campo. Cada qual, a seu turno, descreverá a "paisagem" (aquela "parte do espaço que é vista de um único ponto", como define o dicionário), detalhando sua composição e falando algo sobre o "significado" do que pode ser visto. Ficará logo evidente que mesmo que nos juntemos e que

olhemos para a mesma direção, no mesmo instante, não veremos – não poderemos ver – a mesma paisagem. Poderemos concordar, certamente, que vemos muitos elementos de igual natureza – casas, estradas, árvores, colinas – em termos de aspectos, tais como número, forma, dimensão e cor. Mas tais fatos adquirem significado somente a partir de associações; eles precisam ser ajustados uns aos outros de acordo com um corpo coerente de idéias. Deste modo, nos confrontamos com o problema principal: qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.

O reconhecimento deste fato nos conduz para algumas idéias formidavelmente complexas. Não é necessário mergulhar em termos técnicos da óptica, da psicologia, da epistemologia ou da cultura para conversar inteligentemente sobre este tópico. Ele é por demais fascinante e importante para deixar-se fragmentar e obscurecer pelo jargão dos especialistas. Ele merece uma atenção ampla que só

a linguagem coloquial permite. Assim, nos permitiremos analisar algumas maneiras diferentes com que o grupo de pessoas pode descrever uma mesma cena. Não estamos preocupados com os elementos, mas com sua essência, com as idéias organizadoras que são utilizadas para dar sentido àquilo que nós vemos.

Há aqueles que observam a cena variada e consideram:

#### A PAISAGEM COMO NATUREZA \_\_\_\_\_

Segundo este ponto de vista, todos os trabalhos do homem são desprezíveis se comparados com os da natureza; que são os principais, os fundamentais, os dominantes, os duradouros. A "abóbada celeste", a "idade das rochas", "as colinas eternas" são metáforas antigas que nos falam do que a paisagem realmente reflete, ela é a natureza controladora. O céu sobre nós, o chão sob nós e o horizonte unindo os dois provêem a estrutura básica, sustentada pela situação da terra, por seus contornos e texturas; o clima e a luz, mudando sempre, com as horas e as estações, afetando todas as nossas percepções; e, em todos os tempos, a notável exibição de força da natureza, seus serenos ritmos inexoráveis, o poder das marés, do movimento das águas, o imenso poder das tormentas. Em meio a todas estas manifestações, o homem é minúsculo, superficial, efêmero, subordinado. Qualquer coisa que ele execute na superfície da Terra, até mesmo seus mais grandiosos arranha-céus, suas represas e suas pontes, são diminutos, débeis e transitórios, meros arranhões na superfície da Mãe Terra.

Todo observador é tentado, em sua memória visual, a remover o homem da cena. De restaurar a natureza em sua condição primitiva. De revestir as

colinas com sua cobertura florestal primária. De limpá-la dos assentamentos. De curar as feridas e de restaurar a trama natural – para imaginar como a área realmente é. Esta visão é antiga e está profundamente enraizada: a que separa o homem da natureza. Ideologicamente ela esteve em voga no século XVIII, com o Romantismo, na aspiração pelo selvagem, na visão da natureza como pura, formosa, boa, a verdadeira beleza, que teve maior impacto sobre a ciência no século XIX, como o termo "ciências naturais" atesta.

Esta pode ser uma visão sedutora. Não é difícil ver beleza e poder na natureza. Alguns podem sentir o temor e a majestade até em meras representações da natureza, como nas fotografias de Ansel Adams ou nos livros maravilhosos do Sierra Clube. E esta pode ser uma visão que venha de novo se tornar mais comum, à medida que grande número de pessoas começa a ver os trabalhos do homem como espoliação, mais pessoas passarão a ver a natureza primitiva como a perfeição, como a base segundo a qual se mede a corrupção.

A visão romântica está, de fato, muito viva, e normalmente, talvez necessariamente, expressa algum tipo de nostalgia: "Havia um tempo, na doce infância da raça humana, em que o homem vivia próximo da natureza [...] o mundo da natureza e o mundo do homem eram sinônimos".<sup>2</sup>

Mas isso descreve muito mais a unidade do que a separação, e é perfeitamente possível, mesmo hoje, considerar:

#### A PAISAGEM COMO HABITAT \_\_\_\_\_

Segundo essa visão, cada paisagem é uma porção da Terra como Lar do Homem. Que nós vemos através do contínuo trabalho humano, criando uma

relação viável com a natureza, adaptando-se a seus aspectos mais gerais, alterando-a por meios produtivos, criando recursos com os materiais naturais. Em suma, o homem domesticando a Terra.

Os padrões básicos da paisagem, os traçados de campos, pastagens e bosques, de propriedades rurais e de aldeias, o plano das cidades e dos subúrbios, todos revelam a seleção consciente de solos e de encostas, de elevações e de exposição à instalação, de sítios e de rotas, que são fornecidos, em princípio, pela natureza. Até mesmo as formas, cores, texturas e outras qualidades das coisas, das cercas, dos edifícios, das árvores e das flores, dos animais e dos pássaros refletem uma seleção humana da grande prodigalidade terrestre e de seu retrabalho, retreinamento, rearranjo, até atingir as formas desejáveis. E o próprio homem de muitas maneiras, na sua dieta e em seu vestuário, nos emblemas e nos rituais, em seu trabalho e lazer diário, que revelam suas adaptações, freqüentemente tênues e inconscientes, à natureza.

Cada paisagem é, por esse motivo, uma mistura do homem com a natureza. O homem pode cometer enganos, prejudicando a natureza, e por conseqüência a si mesmo. Mas, em sua longa marcha, o homem aprende e a natureza cicatriza. Mas, quando a paisagem demonstra algum desajuste, trata-se somente de uma fase do trabalho humano de domesticá-la em direção à simbiose, um processo no qual está engajado há um milhão de anos.

Esta é, também, uma antiga e atrativa visão. A da ideologia da harmonia do homem com a natureza, da Terra como jardim da humanidade, do homem como intendente, zelador, cultivador. O homem precisa se ajustar à natureza, mas a natureza é benigna e boa: quando é apropriadamente

compreendida, pode prover uma morada confortável e durável. Esta é uma visão que não pode ser mais bem descrita do que nas linhas que se seguem, escritas há mais de 65 anos por Ellen Churchil Semple no seu monumental *Influences of Geographic Environment*:

*O homem é a criança da Terra, pó de seu pó, a Terra foi sua mãe, o alimentou, atribuiu-lhe tarefas, direcionou seus pensamentos, confrontou-o com dificuldades [...] criou-lhe problemas [...] e ao mesmo tempo sussurrou-lhe as sugestões para a sua solução [...]*<sup>3</sup>

É uma ideologia que teve grande impacto sobre numerosos campos, especialmente sobre os primeiros estágios da ecologia humana e da antropogeografia. Seu conceito central foi, de um modo ou de outro, o "ambientalismo". Foi forjada nas vigorosas monografias clássicas do regionalismo francês, em seu rico corpo de estudos sobre a Europa rural; e reforçada pela admiração com a riqueza das paisagens humanizadas do mundo agrário. Até recentemente, os "fazendeiros de quarenta séculos" da China eram citados como modelos de adaptação harmoniosa, e o lavrador jeffersoniano como uma das muitas idealizações correlatas do pensamento ocidental.

Esta conceituação geral não só continua viva, como acumula forças em formas mais sofisticadas. Ela se oculta, de várias maneiras, em uma parcela considerável da literatura recente que tem como temas a ecologia e o ambiente. Mas o poder do homem para alterar a Terra cresceu, ele retrabalhou a natureza para que se assemelhasse menos a um ajuste e mais a uma alteração fundamental, de modo a que se considere:

É aquela em que as pessoas vêem primeiramente, e sempre, a marca do homem em tudo. A natureza é fundamental somente no sentido literal: a natureza provê um suporte. A Terra é uma plataforma, mas tudo é resultado da ação humana e desse modo não podem ser encontrados fragmentos da natureza primitiva. Os solos, as árvores, os rios não são "natureza" distinta do homem, eles são criações profundamente humanas: solos alterados pela agricultura, ceifa, queimada, adubação, fertilização e drenagem; florestas derrubadas e queimadas e toda a complexa mudança causada pela associação de novas espécies; rios assoreados, canalizados, seu regime afetado por uma miríade de mudanças em suas cabeceiras. O verdadeiro formato da superfície terrestre foi modificado por milhares de maneiras, por cortes e pedreiras, escavações e aterros, terraplanagens, barragens, galerias, terraços, pavimentações. Até o clima – e especialmente onde ele mais afeta ao homem, o solo – foi alterado por mudanças na superfície pelo aquecimento, pelo lixo e pelas descargas químicas lançadas no ar. Mas até o clima não é, a longo prazo, muito importante para o homem que vive cada vez mais entre paredes, cada vez mais controlando a atmosfera.

Sob este ponto de vista, é preciso ter sentimentos tolos, na América de hoje, para se falar do homem adaptando-se à natureza. De fato seus edifícios, suas ruas e suas auto-estradas se sobressaem por estarem localizados de forma negligente em relação aos contornos naturais. Uma rígida geometria linear foi implantada de modo discordante, mas implacável, sobre as variadas curvas da natureza. Compreensível e poderoso tem sido o papel do homem na mudança da face da Terra, onde toda paisagem se torna um artefato.

Ideologicamente, para esta visão, o homem é um criador, não somente emancipado, mas conquistador da natureza. Ainda que o conceito possa ter profundas raízes históricas, apenas recentemente floresceu de forma plena. Na ciência, a natureza é marcada pelo homem como ser ecologicamente dominante. O livro de George Perkins Marsh, escrito há mais de um século, é um marco prematuro que chama a atenção para o impacto humano<sup>4</sup>. Mas o conceito contemporâneo do homem como tecnocrata, com a missão de remodelar a Terra para adaptá-la aos seus desejos, é um expediente mais radical, concomitante com o crescimento do poder penetrante do engenheiro em alterar as características físicas da Terra, e do biólogo em alterar a vida orgânica.

Mas a motivação da ciência é mais profunda do que este utilitarismo na sua expressão manipulatória. Para o cientista, guiado pelo desejo de compreender por intermédio de seus erros, engajado numa exploração sem fim do mundo em que vive, de modo que se pode ver:

O cientista pode ver tudo o que está ao alcance de seus olhos como um imenso e intrincado sistema de sistemas. A terra, as árvores, as estradas, os edifícios e o homem não são vistos como objetos individuais, mas como um conjunto de elementos variados ou como classes de fenômenos; como indícios superficiais de processos subjacentes. Assim, a mente vê o rio não como um rio, mas como um elo do ciclo hidrológico, um meio de transporte que carrega um certo volume de material a certa taxa em um ciclo contínuo, como uma força que altera o formato da Terra em uma medida que pode ser calculada consistentemente.

Assim, a mente vê as árvores não em termos de espécies, dimensão, cor, nem por seus aspectos orgânicos mais importantes, mas como fatores químicos potencializados pela luz do Sol, pontos específicos no ciclo hidrológico, transformadores biológicos da energia que é trocada entre a litosfera e a atmosfera. Para esta visão, a paisagem é um equilíbrio dinâmico de processos interativos.

O homem é, sem dúvida, de um modo ou de outro, uma parte inexorável destes sistemas. Suas estruturas mais óbvias e seus movimentos na paisagem são vistos como "funções", isto é, como processos guiados por propósitos racionais. Casas, garagens, celeiros, escritórios, lojas, fábricas, todos são "estações de serviço" e "ponto de transformação", e podem ser vistos como expressões cruas, imperfeitas, superficiais dos abstratos sistemas social e econômico.

Tal visão é inteiramente um produto da ciência, um meio de se olhar através da matéria para se compreender as coisas que não estão aparentes a olho nu. É uma visão que está em desenvolvimento vigoroso, originária da análise, desintegrando as coisas em partes e tornando-as sínteses crescentes, colocando as coisas sempre em uma forma que lhes dê um novo nível de compreensão das inter-relações. É, igualmente, a visão das ciências sociais, que procuram emular as ciências físicas, fundamentando sua realidade não em pessoas ou em artes idiossincráticas, mas em agregados, em comportamentos de grupo.

Para tais pessoas – mais do que para outras –, a paisagem pode ser somente uma fachada na qual a visão penetra para revelar a anatomia das intrincadas redes, fluxos, interações, uma imensa matriz de *inputs* e de *outputs*. Por extensão, ela pode ser entendida, ela se torna "real", através de diagramas, esquemas e

fórmulas. É uma ideologia que tem fé no homem como ser essencialmente onisciente; segundo a qual o homem, através do poder rigorosamente disciplinado de sua mente, poderá eventualmente compreender tudo o que se situa perante ele na paisagem, ou seja, em última instância é através da ciência que alcançamos a verdade.

Sem dúvida, estamos longe de conhecer o bastante e há muito que a paisagem é vista como um laboratório, como uma estação experimental. Atualmente, devido à ciência, que por sua natureza demanda uma especialização intensiva para muitos dos que a praticam, nenhum observador pode considerar o rol completo das questões que lhe são colocadas, e nenhuma paisagem poderá servir, de modo adequado, para todos os especialistas. Mas os olhos do geomorfólogo fluvial e do psicólogo social têm uma qualidade seletiva, vendo o geral em detrimento do particular, construindo classes similares de abstrações para propósitos semelhantes, porque ambos necessitam realizar testes repetidos, e uma paisagem não pode significar mais do que uma amostra da área.

Este pode ser um caminho pelo qual o cientista vê basicamente uma cena, mas existem outros dotados de ferramentas semelhantes que a vêem diferenciadamente, vendo sempre:

#### A PAISAGEM COMO PROBLEMA \_\_\_\_\_

A paisagem não é vista como um problema em seu sentido científico da necessidade do conhecimento para uma melhor compreensão, mas como uma condição que necessita de correção.

Para tal pessoa, a evidência está em muitas visões: colinas erodidas, rios colmatados, florestas destruídas, árvores mortas, fazendas dilapidadas,

poluição industrial, expansão urbana, letreiros de néon, lixo e sedimentos, *fog* e esgoto, congestionamento e desordem, e, em meio a tudo isso, pessoas empobrecidas fisicamente ou espiritualmente. Para tal pessoa, outras visões da paisagem são totalmente inadequadas. Encarar a cena que está a sua frente somente como laboratório da assim chamada ciência objetiva, que é ser indiferente às necessidades humanas; cada paisagem evoca indignação e alarme, é um espelho dos malefícios de nossa sociedade e clama por mudanças drásticas.

No entanto, essa visão da paisagem através dos olhos do ativista social pode incorporar alguma coisa de todas as outras visões: ela evoca a reverência pela natureza, um profundo sentimento relativo à Terra como habitat e a convicção de que temos habilidade científica para corrigir os erros. O que é necessário é um extenso conhecimento do que está acontecendo. É dessa forma que tende para um humanismo, aliado à política, com a esperança de gerar um genuíno movimento popular contra as instituições que são vistas como indiferentes, egoístas ou simplesmente inertes.

Talvez a bíblia deste movimento seja a obra-prima de horror intitulada *Silent Spring*, de Raquel Carson. É um apocalipse, um *Livro da Revelação* dos últimos dias da vida na Terra. Porém, a mais poderosa evidência é a própria paisagem, da qual o tratado mais efetivo é um álbum de fotografias, como as de William Bronson sobre a Califórnia intitulada *How to Kill a Golden State*.

Mas esses que nos exortam a olhar com alarme e agir segundo o radicalismo político podem representar somente a ala mais extremista dos que vêem a paisagem como problema. Existe uma outra posição (de fato, em grande parte elas se

sobrepõem), que não é muito mais do que um grito de cidadania, que se apresenta como um grupo inter-relacionado de profissões para as quais a paisagem representa um "problema de *design*". Os problemas vistos por eles podem ser funcionais (congestionamento, perigo, usos incompatíveis), estéticos (desordem, falta de proporções), ou ambos. Sua perspectiva comum é olhar a paisagem e imaginá-la de forma diferente: uma que foi redesenhada. Não são todas as paisagens que estão em crise, mas cada uma é um desafio. Cada paisagem induz a um forte desejo de alterá-la de algum modo, conduzindo a uma maior harmonia e eficiência.

Ideologicamente, tais pessoas se expressam por um vigoroso humanismo, fundamentado na ciência e ligado à estética, que procura aplicar suas competências profissionais com o intuito de modificar a Terra. Está, obviamente, estreitamente ligada à visão da paisagem como artefato. A diferença crítica está ligada ao tipo de controle e ao planejamento compreensivo. O título de seu mais conhecido livro expressa isso sucintamente: *Man-Made America: chaos or control*<sup>5</sup>. E daí surge um quadro completo de graves problemas para qualquer sociedade democrática: quem está no controle? Por quais meios? Em que extensão? Com qual propósito? (E a isso se liga uma ampla justificativa para as discussões sobre a "paisagem" em todos os níveis). Enquanto a ferramenta do ativista social é o folheto de propaganda retratando o pior que pode ser visto na paisagem real, a do "designer" é de apresentar um plano, um esquema, a perspectiva da paisagem imaginada, aperfeiçoada pela aplicação da arte e da tecnologia.

Tais especialistas em "design" não estão sozinhos ao imaginar "paisagens melhoradas", eles são, de fato, guiados de longe pelos que vêem:

Tais pessoas estão acostumadas a ver cada cena com os olhos de um avaliador profissional, atribuindo um valor monetário a tudo o que vêem. É uma visão abrangente, porque tudo tem ou gera valor na economia de mercado. Esta é uma visão lógica e sistemática, que é continuamente ajustada, de forma a manter-se de acordo com a realidade sempre mutável: as avaliações do valor das propriedades são sistematicamente testadas pelas transações atuais, que não afetam apenas as que são negociadas, mas outras adjacentes ou de tipo similar. Assim como a ciência, esta visão penetrante olha além da fachada para ver internamente e para organizar o que se mantém como abstração. Olha para uma casa e vê uma metragem quadrada com determinado número de quartos ou de banheiros; olha um edifício comercial e vê a extensão da frente, capacidade de armazenamento, área de descarga. É uma penetrante visão geográfica que reflete sobre como as coisas estão organizadas atualmente na paisagem e para a qual a localização relativa, a qualidade da vizinhança e a acessibilidade são determinantes fundamentais do valor. Considera a idade, no que ela se relaciona com a depreciação, a obsolescência, a moda, muito mais do que um interesse pela história como tal.

Propriedades públicas – escolas, bibliotecas, ruas, parques, reservatórios, depósitos de lixo – são consideradas, pois cada uma afeta o valor de sua área em torno, assim como outras qualidades do sítio – árvores, colinas, vales e especialmente as “vistas” a partir das residências. Outrossim, as pessoas têm lugar nesta avaliação, porque como o rico e como o pobre vivem, trabalham, compram, se divertem e vão à escola. São fatores que afetam muito o valor das propriedades.

Tal visão da paisagem é orientada para o futuro, porque os valores de mercado estão sempre sofrendo mudanças e precisam ter suas tendências compreendidas. Tal visão é, obviamente, a do especulador, mas também é a do empreendedor (*developer*) e, por conseguinte, do paisagista (*landscape designer*), que usualmente considera “desenvolvimento” como “melhoramento”, e que pode envolver sentimentos vigorosos de criatividade e de altruísmo social. O fato de que isso aumenta a fortuna pessoal do produtor fundiário o macula com o egoísmo, mas a vaidade pode ter uma influencia marcante nos desenhos do planejador e do paisagista, e nós devemos ser prudentes ao fazer tais distinções invejosas.

Esta visão da paisagem como riqueza está, sem dúvida, profundamente enraizada na ideologia americana e reflete seus valores culturais. Ela representa a aceitação geral da idéia de que a terra é primeiramente uma forma de capital, e só secundariamente o lar ou uma herança familiar. Toda essa terra, todos os recursos poderão ser vendidos em algum momento se o preço for justo. Esta especulação com a terra é uma maneira honrosa de se ganhar dinheiro.

Tal visão é uma marca clara de uma sociedade que é profundamente comercial, pragmática e quantitativa em seu pensamento, e a própria paisagem deve refletir em si mesma tais características. Dessa maneira, aquele que pode se sentar no topo da colina olha para a cena e vê:

## A PAISAGEM COMO IDEOLOGIA \_\_\_\_\_

Assim como o cientista olha através da fachada composta de elementos óbvios e vê processos em operação, outros podem ver esses mesmos elementos

como indícios e toda a cena como valores, símbolos de valores, idéias mestras, fundamentos filosóficos da cultura. Onde aquele que vê a paisagem como problema vê desordem, confusão, incongruência, congestão, poluição, abandono cercando o que reluz, o que a vê como ideologia pode contemplar distintas manifestações das interpretações americanas para liberdade, individualismo, competição, utilidade, poder, modernidade, expansão, progresso. Isso não quer dizer que ele não veja os problemas, mas que ele está mais concentrado em olhar profundamente aquilo que a paisagem representa em termos de tradução da filosofia para características tangíveis.

Para tais pessoas, um estudo sereno, reflexivo, sobre a paisagem americana pode evocar não só essas idéias, mas a de que homens estão associados a elas, ou seja, os que pairam como fantasmas sobre visões distantes e que são seus reais criadores. Quem são eles? Não haverá dois observadores que visualizem o mesmo panteão, mas John Locke, Adam Smith, Charles Darwin, Thomas Jefferson, Frederick Jackson Turner e John Dewey poderão estar lá com certeza.

Ver as paisagens em tais termos é vê-las como filósofo social e expressar uma firme convicção de que idéias filosóficas gerais têm importância em meios muito específicos. É uma visão que insiste que se nós queremos mudar a paisagem substancialmente, nós precisamos modificar as idéias que criaram e sustentam o que nós vemos. E se a paisagem reflete vivamente idéias realmente fundamentais, tais mudanças requerem alterações profundas no sistema social. Logo, por exemplo, o desprezo pelo "embelezamento" – o plantio de flores na beira da estrada –, que é um cosmético que mascara a necessidade de uma dolorosa mudança.

Ver a paisagem como ideologia é pensar sobre como ela foi criada. Mas existe uma outra maneira de fazê-lo que é muito mais reflexiva e filosófica, e é também muito mais detalhada e concreta, posto que consiste em ver:

#### A PAISAGEM COMO HISTÓRIA \_\_\_\_\_

Para tal observador, tudo que se estende à frente de seus olhos é um complexo registro cumulativo do trabalho da natureza e do homem em um dado lugar. Em sua forma mais inclusiva, ele remete a mente aos registros escritos e aprofunda-se na história natural e na geologia. Mais comumente recua até aos homens primitivos e, na América, aos primeiros colonos europeus.

O principal sistema organizador é a cronologia, que não é em si história, mas um sustentáculo sobre o qual se constrói a história. Assim, cada objeto deve ser datado em sua origem e nas mudanças significativas subseqüentes. A datação exata pode requerer uma pesquisa tediosa, mas o perito historiador da paisagem, trabalhando em uma área cultural genericamente familiar, pode assinalar por aproximação datas de muitos itens baseado em materiais, desenho, ornamentação, propósito, posição. Pela classificação dos indícios de acordo com a idade, a paisagem pode ser visualizada em termos de camadas de história, que estão às vezes separadas em áreas distintas, como uma nova área de habitações, mas, com frequência, complexamente entrelaçadas.

A paisagem visível não é um completo registro da história, mas ela poderá fornecer com diligência e por inferência muito mais dados do que um olhar casual. O historiador se torna um perito detetive reconstruindo com todo tipo de fragmentos e peças os padrões do passado. Ele aprende como

determinados traços tendem a ser indelévels, como os da geometria básica das estradas e dos lotes, e como outros podem ser mutáveis e decepcionantes, como as fachadas e as funções. E há muito mais a ser aprendido que mudanças cronológicas. A fisionomia da casa, seu tamanho, forma, material, decoração, limites, relação com outros edifícios e posição, indica-nos algo sobre o modo como as pessoas viviam ali. Ademais, cada casa teve seu construtor e em cada uma vivem indivíduos e famílias diferentes, e alguma coisa disso também pode ser lido na paisagem.

Esta pode ser a visão da paisagem como processo, mas com uma ênfase diferente daquela do cientista. Enquanto o primeiro vê uma associação de classes de coisas que podem ser afetadas por processos que são generalizáveis, que formam padrões gerais de eventos previsíveis, o historiador vê efeitos cumulativos de processo operando sobre os elementos particulares de uma localidade. O grau com que o historiador relaciona o particular com o geral depende de seu propósito, mas qualquer visão histórica implica claramente a crença de que o passado tem um significado fundamental, um destes aspectos sendo tão marcantes que pode ser facilmente percebido: o fato poderoso de que a vida deve ser vivida em meio ao que foi produzido anteriormente.

Cada paisagem é uma acumulação. O passado é durável; a marca das formas de antepassados distantes nas linhas demarcatórias, em parcelamentos de terra, em jurisdições políticas e em caminhos pode formar uma matriz mais rígida mesmo em áreas em processo de mudanças rápidas. A paisagem é um depósito imensamente rico em dados sobre as pessoas e a sociedade que a criaram, mas esses dados devem ser colocados no contexto

histórico apropriado se o desejo é que sejam interpretados corretamente. Portanto, a paisagem é também uma grande exibição das conseqüências, embora os laços entre as atitudes específicas, decisões, ações e resultados específicos possam dificultar uma interpretação segura. Em qualquer caso, se a visão histórica intenta servir como curiosidade, reflexão ou instrução, a paisagem fornece infinitas possibilidades.

Existe um complemento lógico para essa visão da paisagem como história, que a recobre e a ultrapassa sendo, contudo, distinta em perspectiva e propósito. É a visão da:

#### PAISAGEM COMO LUGAR \_\_\_\_\_

Nesta visão, toda paisagem é uma localidade, uma peça individual no mosaico infinitamente variável da Terra. Tal observador inicia sendo abrangente e ingênuo: por abarcar tudo e aceitar as coisas que vê como sendo de algum interesse. É a paisagem como ambiente, que abrange tudo o que vivenciamos e que, como conseqüência, faz com que o observador cultive a sensibilidade para o detalhe, para a textura, a cor, todas as nuances das relações visuais. E mais, porque o ambiente ocupa todos os sentidos, também os sons e odores e um inefável sentido de lugar como algo proveitoso. Tal observador procura apreender os aspectos comuns para apreciar o sabor de tudo o que encontra.

Esta é uma visão cultivada por viajantes cronistas sérios, que, com o auxílio efetivo da fotografia e do croqui, exibem a fisionomia e as impressões do lugar. Rigorosamente semelhante, com uma grande ênfase nos indivíduos e em seus ambientes, é a obra do novelista "local" ou "regional", o melhor deles podendo evocar o agudo sentido da individualidade dos lugares.

Tal visão é igualmente antiga e fundamental para o geógrafo, cujo campo antigamente era definido como o estudo das características dos lugares. O carro-chefe do geógrafo é o mapa. Para ele, o mapa evocava de imediato uma localização, um ambiente, uma combinação em área, sendo esta última melhor representada em um mapa, um símbolo do arranjo espacial dos elementos de uma localidade. As combinações têm forma e o geógrafo verá nas paisagens a variedade dos padrões dispostos em área e das relações: grupos, nós, dispersões, gradações, misturas. Isto, sem dúvida, adquire significado somente quando é interpretado com algum conhecimento da história e da ideologia, dos processos, das funções e do comportamento, e inserção em um contexto geográfico mais amplo. E o geógrafo, como o historiador, pode perseguir seus interesses em duas direções: para a generalização ou para a particularidade.

Aqueles interessados em localidades particulares participam da crença de que uma das grandes riquezas da Terra é sua imensa variedade de lugares. É uma visão que transcende em muito a procura banal do turista pelo exótico; os verdadeiros crentes são abrangentes: literalmente, cada lugar tem algum interesse. De fato, é uma visão que sugere que um sentido bem cultivado de lugar é uma dimensão importante do bem-estar humano. Levando-se adiante, pode-se descobrir uma ideologia implícita de que a individualidade dos lugares é uma característica fundamental, com sutil e imensa importância para a vida na Terra, e de que todos os eventos humanos têm um lugar, todos os problemas estão ligados ao lugar e, em última instância, só podem ser compreendidos em tais termos. Tal visão

insiste no fato de que nossas vidas individuais são afetadas em miríades de modos pelos lugares particulares em que vivemos, que é simplesmente inconcebível que qualquer pessoa pode ser a mesma em lugar diferente.

Esta abertura dos sentidos para "sentir" o lugar está muito próxima da visão da:

#### PAISAGEM COMO ESTÉTICA \_\_\_\_\_

Existem muitos níveis e variedades para esta visão, mas todas têm em comum uma subordinação de algum interesse à identidade e à função das feições específicas com uma preocupação com suas qualidades artísticas.

"Qualidade artística" é, sem dúvida, uma matéria para uma controvérsia interminável. É sabido que a pintura ou o desenho da paisagem é um gênero particular, com traços peculiares, para determinados períodos de determinada cultura. A verdadeira idéia da paisagem como cenário é surpreendentemente tardia na cultura ocidental, exigindo um distanciamento especialmente consciente do observador. No gênero da pintura da paisagem, podemos encontrar exemplos que expressam muitas das visões discutidas da paisagem: o poder e a majestade da natureza, a harmonia entre o homem e a natureza, a marca da história sobre a terra, o caráter detalhado dos lugares. Cada uma delas representa uma cuidadosa seleção feita pelo artista. Mas a "pureza" da forma da paisagem como estética é uma abstração, segundo a qual todas as formas específicas são dissolvidas na linguagem básica da arte: através de cor, textura, massa, linha, posição, simetria, equilíbrio, tensão. As versões e variações são infinitas nesta visão mais individualizada da paisagem.

Esta também é uma visão penetrante, que procura os significados que não são expressos em formas comuns. Ela se apóia na crença de que na paisagem há algo próximo à essência, à beleza e à verdade. A paisagem se torna um mistério que retém os significados que nós tentamos capturar, mas não alcançamos, e o artista é um gnóstico sondando estes mistérios com seus próprios meios, mas tentando levar-nos com ele e mostrar o que encontrou. Nesta visão, a paisagem estende-se plenamente além da ciência, retendo significados que ligam, na condição de espíritos, psiques individuais a um mundo indescritível e infinito.

#### CONCLUSÃO

Dez paisagens não esgotam as possibilidades desta cena, mas podem sugerir algo sobre as complexidades do tópico. A identificação destas diferentes bases para as variadas interpretações que nós vimos é um passo para uma comunicação mais efetiva. Para aqueles que estão convencidos de que a paisagem é um espelho importante que pode nos dizer muito sobre os valores que nós temos e, ao mesmo tempo, afetar a qualidade das vidas que levamos, existe sempre a necessidade de amplos debates sobre as idéias, impressões e preocupações com as paisagens que nós compartilhamos.<sup>6</sup>

#### NOTAS

\* Publicado originalmente em *Landscape Architecture*, vol. 66, jan. 1976, p. 47-54. Traduzido por Werther Holzer (UFF). Os editores agradecem à American Society of Landscape Architects pela autorização concedida para tradução e publicação deste artigo.

1. MIKESELL, Marvin. Landscape. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*, v. 8, New York: Crowell-Collier and Macmillan, 1968. p. 575-80.

2. ECKBO, Garret. *The Landscape We See*. New York: McGraw-Hill, 1969. p. 42.
3. SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of Geographic Environment*. New York: Henry Holt, 1911. p. 1
4. MARSH, George Perkins. *Man and Nature; or, Physical Geography as Modified by Human Action*. New York: Scribner, 1864. Reimpresso em John Harvard Library, Cambridge: Harvard University Press, 1965.
5. TUNNARD, Christopher; PUSHKAREV, Boris. *Man-Made America: Chaos or Control?* New Haven e Londres: Yale University Press, 1963.
6. Para sugestões mais explícitas, Vid. MEINIG D. W. *Environmental Appreciation: Localities as a Humane Art*. *The Western Humanities Review*, Institute of British Geography, v. 25, p. 1-11, 1971.

**ABSTRACT:**

THERE ARE THOSE WHO LOOK OUT UPON THAT VARIEGATED SCENE AND SEE, FIRST AND LAST: LANDSCAPE AS *NATURE*; LANDSCAPE AS *HABITAT*; LANDSCAPE AS *ARTIFACT*; LANDSCAPE AS *SYSTEM*; LANDSCAPE AS *PROBLEM*; LANDSCAPE AS *WEALTH*; LANDSCAPE AS *IDEOLOGY*; LANDSCAPE AS *HISTORY*; LANDSCAPE AS *PLACE*; AND LANDSCAPE AS *AESTHETIC*.

**KEYWORDS:** LANDSCAPE AS PLACE, LANDSCAPE AS HISTORY, LANDSCAPE AS NATURE, LANDSCAPE AS IDEOLOGY.